



## Primo Levi, colecionador do imprevisível

Primo Levi, collector of the unpredictable

### Claudia Cristina Maia\*

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) | Belo Horizonte, Brasil

claudiam Maia@cefetmg.br

**Resumo:** Breve investigação sobre *L'altrui mestiere (O ofício alheio)*, livro de ensaios de Primo Levi publicado em 1985, em que o escritor, mais uma vez, revela seu espírito de colecionador e sua veia enciclopedista, conjugando assim a disposição mental do químico e a sensibilidade do artista para o disperso e o imprevisível.

**Palavras-chave:** Memória. Coleção. Primo Levi.

**Abstract:** A brief investigation of *L'altrui mestiere*, a book of essays by Primo Levi published in 1985, in which the writer, once again, reveals his collector's spirit and his encyclopedist perspective, thus combining the chemist's mental disposition and the artist's sensitivity to the scattered and unpredictable.

**Keywords:** Memory. Collection. Primo Levi.

*Prefiro olhar que escutar, espiar pelos buracos das fechaduras em vez de me debruçar sobre panoramas vastos e solenes; prefiro girar entre os dedos um único caco em vez de contemplar o mosaico inteiro.*

(Primo Levi)

---

\* Doutora em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e Professora no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.



“Enciclopedista das curiosidades vivazes e minuciosas” e “moralista de uma moral que parte sempre das observações”.<sup>1</sup> Com essas palavras Italo Calvino definiu uma das facetas de Primo Levi, em artigo sobre *L'altrui mestiere* (*O ofício alheio*), livro de 1985 e que reúne ensaios do químico-escritor publicados esparsamente em jornais italianos, sobretudo no *La Stampa*, de 1964 a 1984. O título do livro se origina de um dos ensaios finais, intitulado “As palavras fósseis”, em que Levi comenta com grande prazer alguns arcaísmos da língua italiana e confessa seu vício em procurar palavras ao dicionário e ocupar-se com “o que não entende”, atividades que estão ligadas à “libertinagem” e à “exploração”:

Devo confessar que estou falando aqui de uma velha fraqueza minha, que é aquela de me ocupar nas horas vagas de coisas que eu não entendo, não para construir uma cultura orgânica, mas por puro divertimento: o vício não contaminado dos viciados. Prefiro ouvir que escutar, espiar pelos buracos das fechaduras em vez de me debruçar sobre panoramas vastos e solenes; prefiro girar entre os dedos um único caco em vez de contemplar o mosaico inteiro. Por isso meus familiares riem benevolmente de mim quando me veem (coisa frequente) com um dicionário nas mãos ou uma gramática em vez de um romance ou um tratado: é verdade, prefiro o particular ao geral, as leituras ocasionais e minuciosas às aquelas sistemáticas.<sup>2</sup>

As coisas que não entende, que “não sabe fazer”, são os “ofícios alheios”, os quais Levi menciona a partir da leitura de um ensaio de Paolo Monelli, que louva o autodidata, aquele que aprende por “caminhos espontâneos”, pois estes “são mais alegres e mais ricos de surpresas”.<sup>3</sup> A coletânea de Levi abarca a botânica, a zoologia, a astronomia, a linguística, além dos ofícios que não são tão alheios assim, como a química e a literatura e também a cultura judaica. O seu enciclopedismo e sua experiência de observador a quem nada escapa lhe permitem tecer relações entre o natural e o cultural, a ciência e a literatura, e tratar um objeto simples e a princípio desprezível, como uma goma de mascar que há anos se depositou em uma calçada de Turim, como mote para uma reflexão muito bem vinda sobre o ócio, a preguiça e o cansaço humano, por exemplo.

---

<sup>1</sup> CALVINO, 2016, p. VII. Artigo publicado no *La Repubblica*, em 6 de março de 1985, que figura como prefácio de *L'altrui mestiere* e de sua edição brasileira, de 2016.

<sup>2</sup> LEVI, 2016, p. 232.

<sup>3</sup> LEVI, 2016, p. 233.



Não faltam à antologia, como já era de se esperar, referências a diversos livros, inclusive à literatura – desde textos clássicos como *A divina comédia*, de Dante, e textos sagrados, até livros menos conhecidos, dos mais diferentes saberes. As várias narrativas de memória, também presentes no livro, por sua vez, não nos deixam esquecer o grande narrador que é Levi, cuja obra não estabelece distinção entre o ensaio, a narrativa e a poesia, muitas vezes margeando e outras tantas tocando profundamente a linguagem do texto científico. Nesse sentido, sua literatura pode ser considerada exemplo de ao menos duas das propostas que Calvino queria para esse nosso milênio: a multiplicidade e a exatidão, isso porque Levi pertence a uma linhagem de escritores enciclopedistas que, segundo Calvino, escrevem uma literatura que procura “tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo”<sup>4</sup> e que “toma para si o gosto da ordem intelectual e da exatidão, a inteligência da poesia juntamente com a da ciência e da filosofia”.<sup>5</sup>

O Levi enciclopedista, portanto, não tem a pretensão de apresentar um pensamento circular, perfeito e exaustivo, como os enciclopedistas do passado; seus livros constituem “vórtices de fragmentos e pedaços”,<sup>6</sup> prontos a estabelecerem múltiplas relações. O hábito de procurar palavras ao dicionário ou mesmo a atenção dedicada mais ao caco, ao fragmento, do que ao objeto inteiro, à totalidade, nos faz ver em Levi também um colecionador. Ler é colecionar – a relação que existe entre a leitura (e a escrita) e a coleção está desde a etimologia das palavras (*colligere* – recolher, reunir – e *legere* – colher, colecionar, ler), mas não só por isso ele se constitui um colecionador, mas também porque parece estar sempre à procura de um objeto que se torne peça de sua escrita, um objeto muitas vezes perdido, disperso, seja na estante de uma biblioteca, nas ruas da cidade ou nos confins de sua memória. Em fragmentos do livro *Passagens*, Walter Benjamin define o grande colecionador como aquele que é tocado “pela dispersão em que se encontram as coisas no mundo”: “talvez o motivo mais recôndito do colecionador possa ser circunscrito da seguinte forma: ele empreende a luta contra a dispersão”, afirma o filósofo.<sup>7</sup> Ao reunir em *O ofício alheio* ensaios que tratam de assuntos tão diversos e ao mesmo tempo fazer do livro um conjunto único em que todos os textos, de qualquer tema que tratem, até mesmo aqueles que ao

---

<sup>4</sup> CALVINO, 1990, p. 127.

<sup>5</sup> CALVINO, 1990, p. 133.

<sup>6</sup> CALVINO, 2007, p. 1137.

<sup>7</sup> BENJAMIN, 2009, p. 245.



negligente pareçam de um tema “qualquer”, recebem a mesma dedicação e o mesmo tratamento, sempre preciso e apaixonado, como apaixonado é todo colecionador. “Toda paixão confina com um caos, mas a de colecionar com o das lembranças”,<sup>8</sup> advertira Benjamin.

Essa paixão, revestida de uma espécie de obsessão, já estava no Levi menino, como revela o ensaio intitulado “O mundo invisível”, em que narra a história de como, aos quinze anos, começou a aprender inglês e convenceu o pai engenheiro, e também aficionado por livros, de lhe comprar um microscópio. O texto, como vários da coletânea, se inicia com a lembrança de um livro que de alguma maneira tenha marcado sua vida, seja de literatura ou de ciências naturais, por exemplo. Nesse caso, trata-se de um livro inglês de 1846, *Pensamentos sobre os Animálculos; ou seja, um olhar sobre o mundo invisível revelado pelo Microscópio*, de G. A. Mantell.

O livro de Mantell chama a atenção do menino porque era cheio de ilustrações de animais microscópicos. O prefácio, muito prolixo para ele à época, fazia referência a diversos pensadores, como Herschel, Shelley, Hobbes, Byron, Milton e Locke, que “tinham se ocupado das coisas invisíveis suspensas entre o céu e a terra”,<sup>9</sup> referências imprescindíveis para aquele que viria a se tornar o escritor que se tornou, afeito ele também a estabelecer em seus textos as muitas relações entre os saberes e a se dedicar ao invisível do mundo. Em *O ofício alheio*, as informações sobre alguns animais, por exemplo, levam a lembranças de escritores que se dedicaram a tratar desses mesmos animais ou mesmo a lembranças de personagens que, por algum motivo, podem se ligar a eles.

O repentino e ardente desejo pelo microscópio, conforme informa o texto, veio da epígrafe do livro, “uma citação encantadora, no limite entre o científico e o visionário:

“Nas folhas de cada floresta, nas flores de cada jardim, nas águas de cada córrego existem mundos pululantes de vida, inumeráveis como as glórias do firmamento”. Seria verdade? Literalmente, nas águas de cada córrego? Cresceu no meu íntimo, repentina e dolorosa como uma cãibra na perna, a necessidade de um microscópio, e disse isso ao meu pai.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> BENJAMIN, 1995a, p. 228.

<sup>9</sup> LEVI, 2016, p. 207.

<sup>10</sup> LEVI, 2016, p. 208.



Foi com essa paixão que o menino começou obsessivamente a olhar tudo através da lente do microscópio, a começar pelo próprio corpo, saindo depois em excursões para diversos lugares da cidade, inclusive os mais recônditos. A observação de algumas classes de animálculos, como era de se esperar, leva o narrador a estabelecer relações entre estes seres e os homens, como no seguinte trecho:

Os mais graciosos eram os protozoários: minúsculos cálices transparentes que oscilavam como flores ao vento, ligados a um galho mediante um filamento longo, mas tão fino que mal se via. Contudo, bastava um mínimo movimento, desflorar com a unha a haste do microscópio, e de repente o filamento se contraía em espirais e a abertura do cálice se fechava. Depois de alguns instantes, como se o medo tivesse passado, o animalzinho retomava a respiração, o filamento tornava a se alongar, e olhando bem se distinguia o pequeno vórtice do qual os protozoários haviam tirado o nome: amendoins indistintos rodavam em torno ao cálice e parecia que algum deles ficaria preso. De vez em quando, como se o sedentarismo tivesse se tornado aborrecido, um protozoário subia a âncora, retirava o filamento e se lançava à aventura. Era apenas um animal como nós, que se movia, reagia, levado pela fome, pelo medo ou pelo tédio.<sup>11</sup>

Daí por diante, como se sabe, Levi não abandonou mais o microscópio, seja como instrumento de trabalho para o químico que se tornaria, seja como meio de perscrutar a condição humana para o escritor que tomou como legado o testemunho dos horrores de Auschwitz. O olhar microscópico lhe permitiu aproximar e distanciar quando era necessário, sempre empreendendo uma linguagem transparente e precisa e ao mesmo tempo lírica e entusiasmada. Nesse texto e também em todo o livro, além do colecionador que luta contra a dispersão, Levi é a criança que procura o saber nos resíduos:

---

<sup>11</sup> LEVI, 2016, p. 211.



[...] em produtos residuais as crianças reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente. Neles, elas menos imitam as obras dos adultos do que põem materiais de espécie muito diferentes, através daquilo que com eles aprontam no brinquedo, em uma nova, brusca relação entre si.<sup>12</sup>

Esse jogo que reveste tanto o trabalho do colecionador quanto o da criança se mostra sobremaneira nos ensaios que Levi dedica às palavras, como um filólogo que, sem abdicar da racionalidade de que deve se valer qualquer um que se meta a tratar da linguística, divaga pela memória das línguas, no ir e vir dos vocábulos. É nessa divagação ao mesmo tempo livre e sistemática que percebemos os meandros da coleção: “inventariando o tempo em termos fixos com os quais pode jogar reversivelmente, a coleção representa o perpétuo reinício de um ciclo dirigido onde o homem se entrega a cada instante e com absoluta segurança – partindo não importa de que termo e seguro de a ele voltar – ao jogo do nascimento e da morte,<sup>13</sup> conforme argumentou Jean Baudrillard, em *O sistema dos objetos*.

No ensaio intitulado “O ar-congestionado”, o narrador lembra que, diferentemente dos anglos-saxões que se valem com frequência das chamadas palavras-valises para condensar conceitos numa só palavra, muitas vezes lançando mão do mundo científico e tecnológico, os italianos recorrem ao grego e ao latim, as línguas-velhas, para criar palavras novas. Uma das reflexões que faz sobre esse engenho, que muitas vezes não é bem aceito pelos falantes, é a seguinte:

---

<sup>12</sup> BENJAMIN, 1995, p. 19.

<sup>13</sup> BAUDRILLARD, 2000, p. 103.



A julgar pelos efeitos, conhecidos por qualquer um que tenha frequentado um ambulatório, um laboratório químico ou um escritório, parece evidente a repugnância com a qual o falante acolhe as palavras que é forçado a usar mas que lhe soam novas. Representam para ele verdadeiros corpos estranhos, introduzidos à força em sua língua ou seu dialeto, e o forçado usuário procura inconscientemente ajustá-las: comporta-se como a ostra que, inseminada com um grãozinho de areia de arestas afiadas, não o tolera e o expelle, ou o modifica, alimenta-o, lixa-o, e pouco a pouco o transforma em uma pérola. Tipicamente, o falante se esforça para reconstruir o “verdadeiro” significado da palavra, deformando-a mais ou menos profundamente: esse fenômeno, a chamada falsa etimologia ou etimologia popular, é um mecanismo validado pelo tempo, presente em todas as línguas [...].<sup>14</sup>

O trecho, como se vê, condensa a experiência do químico, a incursão ao mundo natural e o comentário sobre o mecanismo de formação das palavras, de modo que todos esses saberes se mostram um contaminado pelo outro. Não falta ao texto a referência literária: em páginas adiante o escritor recorre a personagens do romance *Os noivos*, de Manzoni, e ao *Robinson Crusoe*, de Defoe. Exemplo antigo da falsa etimologia, segundo Levi, é a palavra *melancolia*, que foi alterada pelos falantes para *malinconia*, em uma aproximação a *mal*. Alguns exemplos mais recentes são: *Raggi ultravioletenti* (raios ultravioletos), *Iniezioni indovinose* (injeções de cartomante, em lugar de *endovenose*, *endovenosas*), *aria congestionata* (para substituir *aria condizionata*, ar-condicionado).

---

<sup>14</sup> LEVI, 2016, p. 40.



Nesse texto, como em outro que escreve sobre o livro *A mesa farta*, um compêndio que trata do hebraísmo do século XVI, e naquele sobre a *Cosmogonia* de Raymond Queneau, além da paixão, há o riso, a satisfação do riso, do divertimento: “o autor que não sabe rir por conta própria, talvez até de si mesmo, termina a contragosto por ser objeto de riso”.<sup>15</sup> E o riso de Levi se parece com aquele que ele mesmo identifica nas “historietas judaicas, nas quais as regras são audaciosamente infringidas”.<sup>16</sup> O fascínio dessa infração, na obra do escritor, está justamente em misturar a ciência e a literatura, a história natural e a linguística, o texto literário e o texto sagrado, afinal não falta o discurso poético na natureza ao nosso redor, na tabela periódica e nas calçadas e ruas das cidades.

Em *O ofício alheio*, os objetos, assim como as palavras colecionadas pelo olhar de Levi, vão muito além de um papel secundário, tornando-se por vezes protagonistas. Além do microscópio, peça que acompanha Levi desde menino, reúnem-se na coletânea objetos dos mais imprevisíveis. No primeiro ensaio do livro, intitulado “Minha casa”, o narrador apresenta sua casa de Turim, onde morou toda a vida, exceto durante o tempo em que esteve no campo de concentração em Auschwitz. A “ausência de caracterização” é o que a caracteriza, segundo o narrador, e exatamente por sua simplicidade e funcionalidade, pela parcimônia na decoração, que as marcas do tempo e os objetos ganham destaque.

Nesse texto, numa espécie de viagem ao redor de si mesmo, o narrador percorre cada canto da casa e segue comentando sobre os objetos do presente e do passado que ali estão: o guarda-chuva ou a bengala que o pai pendurava no canto à direita da porta de entrada; a ferradura de cavalo que tio Corrado encontrou na rua e pendurou ali por vinte anos; a chave desconhecida “cuja fechadura ninguém sabia qual era, mas não se ousava jogá-la fora”;<sup>17</sup> o caco de vidro que lhe rendeu a cicatriz no joelho; o dente de leite que um amigo de seu filho ali perdeu e enfiou num buraco do assoalho; as fotografias reveladas de modo caseiro; a máquina de costura; “os brinquedos divertidos” (provavelmente as esculturas de arame por ele confeccionadas<sup>18</sup>).

---

<sup>15</sup> LEVI, 2016, p. 167.

<sup>16</sup> LEVI, 2016, p. 205.

<sup>17</sup> LEVI, 2016, p. 03.

<sup>18</sup> São esculturas confeccionadas de fios de cobre, originados de resíduos descartados quando do trabalho como químico na esmaltação de condutores elétricos. Esses objetos foram oferecidos como presente a amigos mais próximos ou destinados às estantes da casa do escritor. Remontam aproximadamente ao período 1955/1975. São produtos da “fantasia e da habilidade manual” de Levi, a maioria figuras de animais (borboleta, coruja, canguru, aranha etc.), mas o acervo contém ainda criaturas fantásticas, como o centauro, e figuras humanas.



A casa de Levi é uma casa que “não tem ambições, é uma máquina de morar, possui quase tudo que é essencial para viver e quase nada do que é supérfluo”<sup>19</sup> e exatamente por isso cada um dos objetos citados alcança uma corporeidade que é a do próprio escritor, ainda que ele mesmo afirme, com os meandros do autobiográfico, que “em sua consciência” nunca procurou assimilar-se à casa e, conseqüentemente, aos seus objetos. Ao final do ensaio, essa profunda relação é confessada: “Vivo em minha casa como vivo no interior da minha pele: sei que há peles mais belas, mais lisas, mais resistentes, mais pitorescas, mas eu acharia antinatural trocá-las pela minha”.<sup>20</sup>

Em outro texto, “Sinais sobre a pedra”, o narrador expande o espaço da casa para o da rua. Aqui emerge ainda mais o Levi químico, que comenta com propriedade o que vê nas calçadas de Turim, lançando mão de seu conhecimento não só sobre a química e os metais, mas também sobre a história, a bíblia e a literatura, além da experiência como prisioneiro em Auschwitz, tudo isso já no primeiro parágrafo do ensaio;

*Adhaesit pavimento anima mea*, minha alma está prostrada no pó: assim diz o salmo 119, que Dante cita no *Purgatório*, e que também pode ser traduzido de outras maneiras. Prostrei-me no pó por vários motivos e por um breve tempo, e esse contato não foi totalmente inútil: foi uma espécie de exploração. As calçadas são uma instituição muito civil: sabem disso os romanos de hoje, que não as têm e que quando andam a pé devem percorrer labirintos enervantes entre os automóveis estacionados muito próximos dos muros. Sabiam disso os romanos do passado, que ao contrário as construíram bem largas em Pompeia; e sabia disso também o frei Cristóforo de *Os noivos*, que havia se tornado frade justamente porque não existia uma certa calçada, ou ela era enlameada, ou muito estreita, tanto que ele foi obrigado a um encontro desagradável que o fez mudar de nome e de destino.<sup>21</sup>

---

Por ocasião do centenário de nascimento do escritor, em 2019, o Centro Internazionali di Studi Primo Levi di Torino organizou, com curadoria de Fabio Levi e Guido Vaglio, uma mostra dessas figuras. Cf: <https://www.primolevi.it/it/primolevi-figure>, <https://www.doppiozero.com/materiali/primolevi-figure>.

<sup>19</sup> LEVI, 2016, p. 2.

<sup>20</sup> LEVI, 2016, p. 5.

<sup>21</sup> LEVI, 2016, p. 67.



Para tratar dos sinais nas calçadas de Turim, tema que mostra mais uma vez seu pendor à “exploração” e à observação do que é invisível aos olhos dos desatentos, o Levi ensaísta parte do texto literário mais clássico para os italianos, citado em várias de suas obras, alia a reflexão de Dante à sua experiência em Auschwitz para depois lançar o comentário que dará fruto a todo o ensaio: as calçadas são uma instituição civil. Como tal elas são lidas pelo seu olhar perscrutador, que sabe diferenciar a datação delas pelo tipo de material e o grau de seu desgaste e seus sulcos: as lajotas antigas de pedra dura, anteriores ao asfalto, e também as soleiras de mármore guardam a memória dos passos dos pedestres, dos sapatos com cravos, das ferraduras dos cavalos, dos explosivos da Segunda Guerra Mundial que chegavam a perfurar a pedra. Estas merecem a seguinte reflexão: “Ao vê-las, voltam à mente as vozes macabras que circulavam em tempos de guerra, de pedestres que não tiveram tempo de se esconder e foram perfurados da cabeça aos pés.”<sup>22</sup>

O ensaio caminha para reflexões sobre marcas mais recentes, menos dolorosas e talvez mais curiosas: as marcas das gomas de mascar:

Em toda parte, porém mais numerosos nos trechos mais freqüentados, notam-se sobre as lajotas, pontos redondos, de poucos centímetros de diâmetro, esbranquiçados, cinzas ou pretos. São gomas de mascar, grosseiramente cuspidas no chão e testemunho das excelentes propriedades mecânicas do material do qual são constituídas: de fato, se não forem removidas (poré, removê-las não é fácil: custa tempo e esforço, além de ser repugnante, e são poucos os comerciantes que têm o cuidado de limpar as calçadas diante de sua loja), são praticamente indestrutíveis. Sua cor se torna cada vez mais escura conforme sua superfície absorve pó e terra, mas elas não desaparecem nunca.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> LEVI, 2016, p. 69.

<sup>23</sup> LEVI, 2016, p. 70.



Esses objetos simples e a princípio desprezíveis, lixo que devia ser, são marcas de um tempo e de um hábito, que compõem com todos os outros, de outros tempos e outros hábitos, a memória do espaço da cidade. E eles não escaparam, como observa o narrador, à tendência humana de encontrar um uso secundário – muitas vezes nocivo como foi feito com tesouras, ancinhos, martelos, foices, picadores de gelo – suas próprias invenções: “a goma de mascar foi usada, segunda nos conta o escritor, como instrumento para sabotar as máquinas de bilhetes dos transportes urbanos, nos meses mais exaltados da contestação juvenil”.<sup>24</sup> Da observação minuciosa do chão que pisa, Levi mostra sua relação apaixonada com a cidade de Turim e deixa uma bela reflexão não só sobre as relações do homem com os objetos que cria, mas também com tudo o que está debaixo de nossos pés, com o pó que pisamos e o pó que nos tornamos, temporaria ou definitivamente, uma vez que o início do texto parece soar durante toda a leitura.

“O salto da pulga” é mais um dos textos em que se destaca o imprevisível da coleção. O início se dá com a descrição de uma peça bem curiosa que Levi vê exposta no Museu do Kremlin: uma armação em metal de uma saia pertencente a uma dama da corte czarista. Nela estão pendurados dois tubinhos de porcelana, um de cada lado da cintura, que serviam como armadilhas para as pulgas que, atraídas pelo mel depositado no fundo, acabavam presas. Depois da descrição, Levi faz um comentário muito perspicaz sobre a astúcia dos homens para se defender dos parasitas e a astúcia evolutiva destes, que o escritor passa a comentar mais detalhadamente, por vezes comparando-os aos parasitas humanos. Para a pulga, em especial, cita vários exemplos da literatura. Ao final do texto, quando cita as pesquisas da Sra. Rothschild sobre os saltos das pulgas, Levi lança uma pergunta que provavelmente os leitores farão quanto ao trabalho da estudiosa:

Alguns leitores podem se perguntar para que servem essas pesquisas: uma alma religiosa poderá responder que até mesmo na pulga se espelha a harmonia da criação; um espírito laico prefere observar que a pergunta não é pertinente e que um mundo no qual se estudassem apenas as coisas que têm utilidade seria mais triste, mais pobre e talvez mais violento que o mundo que nos foi reservado pelo destino. Em essência, a segunda resposta não é muito diferente da primeira.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> LEVI, 2016, p. 71.

<sup>25</sup> LEVI, 2016, p. 119.



O desfecho que Levi dá ao ensaio remete à sua própria coletânea, ela também dedicada a questões aparentemente inúteis e por isso mesmo propensa a produzir deslocamentos e suscitar reflexões sobre assuntos os mais diversos. Essa diversidade se dá porque Levi, além de um escritor que é também químico e “enciclopedista das curiosidades vivazes”, é um exímio ensaísta, assim como preconizou Theodor Adorno em “O ensaio como forma”:

[...] nos processos do pensamento, a dúvida quanto ao direito incondicional do método foi levantada quase tão-somente pelo ensaio. Este leva em conta a consciência da não-identidade, mesmo sem expressá-la; é radical no não radicalismo, ao se abster de qualquer redução a um princípio e ao acentuar, em seu caráter fragmentário, o parcial diante do total.<sup>26</sup>

Se tomarmos a literatura como pensamento, também ela levantou essa dúvida. Em Levi, a ficção está impregnada do ensaio e vice-versa. O escritor não almeja uma construção pautada em deduções ou induções, a ciência está em seus escritos também em sua potência imaginativa e de narratividade, e por isso muitas vezes escolhe a forma do ensaio, que é livre para tratar da experiência individual, que é marcada e “mediada pela experiência mais abrangente da humanidade histórica”.<sup>27</sup>

O ensaio cabe bem a Levi porque nele os elementos normalmente separados por questões de método se encontram reunidos e porque “negligencia a certeza indubitável, como também renuncia ao ideal dessa certeza”.<sup>28</sup> O último ensaio, “O eclipse dos profetas”, termina com o ensinamento do grande explorador que é Levi, que louva o saber do não-saber e que viu e aprendeu com o mundo, que pode ser desfeito a qualquer momento: “Nosso futuro não está escrito, não é certo: levantamos de um longo sono e vimos que a condição humana é incompatível com a certeza. Nenhum profeta ousa mais nos revelar nosso futuro, e este, o eclipse dos profetas, é um remédio amargo mas necessário”.<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> ADORNO, 2003, p. 25.

<sup>27</sup> ADORNO, 2003, p. 26.

<sup>28</sup> ADORNO, 2003, p. 30.

<sup>29</sup> LEVI, 2016, p. 277.



O ensaio, que tem como tema o “medo nuclear” que a Europa vive à época – lido a partir de ponderações muito perspicazes sobre as propabilidades – fecha a coletânea afirmando um pensamento que é constante na obra de Levi: o que aconteceu, por mais inadmissível que seja, pode acontecer novamente. Aqui emerge, como em nenhum outro dos ensaios, o legado do testemunho, o terceiro ofício de Levi, ao lado da escrita e da química. É a partir dessa tríplice base que ele constrói sua coletânea, sua *Wunderkammer*, seu “gabinete de curiosidades”, atualizando a iniciativa dos colecionadores renascentistas, que procuraram dispor o mundo inteiro em um espaço fechado, centenas de curiosos objetos da natureza, incluindo plantas, animais, minerais, obras de arte e assim por diante. Em Levi, contudo, a coleção se estrutura valendo-se tanto do rigor sistemático quanto da beleza da poesia, ressaltando a incerteza humana e incompletude e a descontinuidade do mundo.

## Referências

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: \_\_\_\_\_. *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 15-45.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Tradução de Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BENJAMIN, Walter. Canteiro de obra. In: \_\_\_\_\_. *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 18-19.

BENJAMIN, Walter. Desempacotado minha biblioteca. In: \_\_\_\_\_. *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995a, p. 227-235.

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: \_\_\_\_\_. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 237-246.

CALVINO, Italo. *L'altrui mestiere* di Primo Levi. In: \_\_\_\_\_. *Saggi: 1945-1985*. 4ª ed. Milano: Mondadori, 2007, v. 1, p. 1138-1141.

CALVINO, Italo. Os dois ofícios de Primo Levi. In: LEVI, Primo. *O ofício alheio*. Tradução de Silvia Massimini Felix. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p. VII-X.



CALVINO, Italo. Primo Levi, *La ricerca delle radici*. In: \_\_\_\_\_. *Saggi: 1945-1985*. 4ª ed. Milano: Mondadori, 2007, v. 1, p. 1133-1137.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GORDON, Robert. Primo Levi: figure. *Doppiozero*, 02 dicembre 2019. Disponível em: <https://www.doppiozero.com/materiali/primo-levi-figure>. Acesso em 24 mar. 2022.

LEVI, Primo. *L'altrui mestiere*. 10ª ed. Torino: Einaudi, 2015.

LEVI, Primo. *O ofício alheio*. Tradução de Silvia Massimini Felix. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

-----

Recebido em: 23/02/2022.

Aprovado em: 28/02/2022.